

Notícias da Quinta
Coordenação da Professora Isabel Franco
Agosto 2023

“O 25 DE ABRIL ”



... ANTES E



DEPOIS ...

- Para uns foi uma mudança para uma vida melhor!
- Para outros foi necessário regressar de África de mãos vazias!
- Em cada acontecimento da HISTÓRIA há sempre MUITAS HISTÓRAS por contar!
- Num globo ou no “Google Maps”, podemos ver todos os pontos da Terra, mas quando nos aproximamos é que nos apercebemos da realidade de UM ponto, uma zona, bairro, cidade, uma terra, um país. Cada pessoa tem a sua história da HISTÓRIA.

2º semestre

SUPLEMENTO Nº8

A HISTÓRIA E AS LETRAS

Continuação das entrevistas publicadas no suplemento anterior - *A História e as Letras*

CARTAS E ENTREVISTAS AOS AVÓS



OS REPÓRTERES DA HISTÓRIA

(turmas da Prof. Ana Paula Ramalho Oliveira)



CARTAS



ENTREVISTAS

“O 25 DE ABRIL” ...

ANTES

A ALIMENTAÇÃO

Qual era a base da alimentação?





Onde eram feitas as compras?



O COMÉRCIO



Preços?

E A MODA



Onde se comprava a roupa?

Quanto tempo durava um casaco? E um par de sapatos?

Quem ditava a moda?



OS TRANSPORTES



Como iam para o emprego?

Como eram os transportes?



A SAÚDE



Onde é que se ia quando se ficava doente? Vacinas?
Mais ou menos doenças?



A HABITAÇÃO



1º PRÉMIO
UM ANDAR
COMPLETAMENTE
MOBILADO

COM PRIORIDADE RESIDENCIAL - NÃO MEMBROS DE LOJAS

ALGUNS DOS TENTADORES PRÉMIOS DO CONCURSO

LENDAS DE PORTUGAL
(2ª SÉRIE - COM 90 NOVAS LENDAS)
QUE O JORNAL O SEU LÍO COMEÇA A PUBLICAR
A PARTIR DE 1 DE MAIO

SÓ ISTO? NÃO! MAIS... E MUITO MAIS!
100 TÊXTO DE COSENHA, FRIGORÍFICOS, ENCRADORAS, ASPI-
RADORES, FOGÕES, MÁQUINAS DE LAVAR, MÁQUINAS DE ES-
CRIVIR, 100 CORTES DE TÊCIDOS, RELOGIOS, 100 MÁQUINAS
FOTOGRAFICAS, BALANÇAS, ETC., ETC., ETC.

E MILHARES DE OUTROS PRÉMIOS DO MAIOR VALOR E UTILIDADE

PERGUNTAS DA ENTREVISTA

ALIMENTAÇÃO

-Qual era a base da alimentação?

COMÉRCIO

Onde eram feitas as compras?

Preços?

MODA

Onde se comprava a roupa?

Quanto tempo durava um casaco? E um par de sapatos? Quem ditava a moda?

OS TRANSPORTES

Como iam para o emprego?

Como eram os transportes?

SAÚDE

Onde é que se ia quando se ficava doente? Vacinas? Mais ou menos doenças?

EMPREGO

Tinham subsídios?

Tinham assistência?

ESCOLA

Como era a escola?

Como eram os professores? Como castigavam?

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Como sabiam o que se passava no país e no mundo?

Notavam que havia censura?

GUERRA

Alguém foi à guerra?

TEMPOS LIVRES

Tinham férias? Onde iam de férias?

Tinham fins-de-semana?

O que costumavam fazer? Quais eram os divertimentos?

Com que idade começaram a trabalhar?

NAMOROS

Como se namorava?

Diferenças entre as vidas dos rapazes e das raparigas.

25 DE ABRIL DE 1974

Como foi ver o 25 de abril de 1974?

O que mudou?

Como sentiram o 25 de abril?

ENTREVISTAS

1- Emanuela Araújo

Entrevistado: Jacinto Emanuel Vasques Araújo

Data de nascimento: 06/07/1959

Local: Odivelas

Alimentação

- *Qual era a base da alimentação?*

R: A base da alimentação da maior parte das pessoas era funge com peixe seco ou funge com ginboa ou com farinha de mandioca ou principalmente com ervas.

- *Onde eram feitas as compras?*

R: As compras eram feitas em lojas, mercados e praças, mas as coisas mais essenciais para alimentação como por exemplo, arroz, óleo ou açúcar eram compradas nas lojas.

- *Preços?*

R: Os preços dependiam do enquadramento social, da classe económica. Havia pessoas para quem os preços eram baixos, ou seja, as coisas eram mais baratas e para outras que eram mais altos, ou seja, as coisas eram mais caras. Havendo assim o comércio para as classes altas, médias e baixas.

Moda

- *Onde se comprava a roupa?*

R: Nas lojas e boutiques.

- *Quanto durava um casaco? E um par de sapatos?*

R: Dependia do lugar de compra e da questão financeira. Tal e qual como a situação dos Preços na Alimentação.

Namoros



- *Como se namorava?*

R: Os pais tinham controlo total no relacionamento, se os jovens quisessem namorar, tinham de apresentar a pessoa à família um do outro. E se quisessem passar tempo juntos, os dois apaixonados, tinha de ser dentro de casa, continuando assim sob a vigilância dos pais.

Saúde

- *Onde se ia quando se ficava doente?*

R: Havia os hospitais e as clínicas, os hospitais eram do estado e estavam abertos para toda a população: a maior parte das pessoas iam para lá, e as clínicas eram para as pessoas que tinham melhores condições de vida, apesar de algumas também irem para os hospitais; dependia de pessoa para pessoa, porque também não havia muitas clínicas naquela época em Angola.

- *Vacinas?*

R: Sempre houve vacinas para todas as pessoas, não interessava de que classe eram, e além disso eram de borla.

- *Mais ou menos as doenças?*

R: As doenças principais eram a malária, o paludismo que eram provocadas por picadas de mosquitos de espécies diferentes e a doença do sono que era provocada por uma mosca através das suas fezes.

Escola

- *Como era a escola?*

R: A maior parte da população estudava em escolas públicas e algumas pessoas da classe alta estudavam nos colégios (escolas privadas).

- *Como é que os professores castigavam?*

R: Os professores castigavam com reguadas nas mãos dos alunos, se os mesmos se portassem mal ou se mostrassem pouco interesse na aula.

-O que era preciso para passar de ano?

R: Para passar de ano eram precisas notas altas. Alguns anos estavam divididos por 3 períodos, e a aprovação dependia das médias de cada um dos períodos. Nos outros anos a passagem era feita pela nota no exame final, que era determinante. Em qualquer um dos casos a as notas ou médias tinham que ser superiores a 10/20 valores.

Tempos Livres

-Tinham férias? Onde iam de férias?

R: As pessoas tinham férias, mas a maior parte das famílias passavam em Angola, só quem tinha boas condições financeiras é que ia para algum lado, mas dependia muito de pessoa para pessoa. Por exemplo, os meus pais nunca tiveram possibilidade de pagar férias.

-Tinham fins-de-semana?

R: Sim, havia fins-de-semana

- O que costumavam fazer?

R: Brincávamos na rua, alguns adultos iam para as discotecas, na altura havia matiné dançante para os adolescentes aos domingos, começava mais ou menos às 15h ou 16h e terminava a 20:00.

-Quais eram os divertimentos?

R: Normalmente, aos fins-de-semana tinham jogos para quem fizesse desporto, competições, e mais algumas coisas que expliquei na pergunta anterior.

Transportes

-Como iam para o emprego?

R: Iam de transportes públicos, ou à pé, poucas pessoas tinham carros.

- Como eram os transportes?

R: Havia os autocarros de dois andares, os normais (que existem atualmente) ou os atrelados.

Emprego

-Tinham subsídios?

R: Acho que sim, eu só comecei a trabalhar depois do 25 de abril, mas acho que havia, subsídios para os filhos e assim.

-Tinham assistência?

R: Sim, não era muita, mas havia.

-Com que idade começaram a trabalhar?

R: Eu particularmente comecei a trabalhar com 16 anos, mas era ajudante. Dependia de família para família, as mais necessitadas começavam mais cedo.

-Alguém emigrou? Para onde e porquê?

R: Antes do 25 de abril ninguém emigrou.

Guerra

-Alguém foi à guerra?

R: O tio Nando.

Comunicação social

-Como sabiam o que se passava no país e no mundo?

R: Através dos rádios e dos jornais, mas a informação que passava nos mesmos era informação que a PIDE autorizasse que passasse, era informação de interesse.

- *Notavam que havia censura?*

R: Havia bastante censura, principalmente para aqueles que se mostrassem a favor da independência de Angola, fossem eles da classe alta, média ou baixa.

25 de abril de 1974

- *Como foi viver o 25 de abril de 1974?*

R: Houve muita festa, o povo saiu todo para a rua para festejar.

- *Como sentiram o dia 25 de abril?*

R: Com expectativa grande de Angola se tornar mais cedo independente de Portugal.

- *O que mudou?*

R: Houve a independência, Angola começou a ter o seu próprio governo, formado por cidadãos nascidos em Angola.

2- António Gamito

Fiz algumas perguntas à minha avó de 82 anos que na altura estava em Oeiras, trabalhando como professora de matemática; tinha 5 filhos e era casada.

- *Base da alimentação*

“Eu era de uma classe média, então de lá para cá comia basicamente as mesmas que hoje.

- *Preços*

Aumentaram muito depois do 25 de abril. Era muito caro, o que vinha de fora, não havia chocolates por exemplo.

- *Diferenças entre homens e Mulheres*

As escolas não eram mistas.

- *Como eram os professores?*

Na primária batiam, bater nos alunos não era grande coisa. Um colega meu batia num miúdo que por acaso era meu filho.

- *O que faziam?*

Ouvir a rádio, as telenovelas mas na rádio, o gira discos ou ir ao cinema que era um bocadinho caro.

- *Com que idade começou a trabalhar?*

Comecei a dar explicações aos 16 anos.

- *Alguém da família foi para a guerra?*

Eu e o avô.

- *Como como foi viver o 25 de abril de 1974?*

Um grande alvoroço, muita gente na rua e ficava a ver as notícias na TV. Tinha sido avisado por um amigo meu jornalista às 2 da manhã e eu e a minha família ficámos a ouvir a rádio atentamente.

- *O que mudou?*

Muito, politicamente havia mais liberdade e partidos.

3- Margarida Oliveira

Entrevistado: Fernanda (minha avó)

Data de Nascimento 23/02/1941

Local - Tourigo, Tondela Viseu

- *Qual era a alimentação?*

Batata, arroz, hortaliças, carolo de milho carne de porcos, galinhas e coelhos.

- *Onde eram feitas as compras?*

As pessoas iam para a horta e ao comércio. Os preços eram baratos mas havia pouco dinheiro.

- *Onde se comprava a roupa?*

Comprava-se pano ou levava-se, se a costureira cozia à mão em casa.

- *Quanto durava um casaco ou um par de sapatos?*

O casaco e um par de sapatos passava de uns para os outros e havia um par de sapatos que era para

ocasiões especiais como, por exemplo, ir à missa, festas e os bailes.

-Diferença entre os rapazes e as raparigas?

Os rapazes tinham mais liberdade do que as raparigas: iam ver os bailes e os rapazes não queriam que elas dançassem; elas faziam uma roda e dançavam entre si.

Como era onde se ia quando se ficava doente?

Quando era uma coisa ligeira iam à farmácia mas quando era uma coisa mais grave o médico vinha a casa.

-Vacinas?

Tomavam da farmácia

-Havia mais ou menos doenças?

Poucas doenças, mas na altura da gripe asiática atingiu muita gente no aldeamento.

-Como era a escola?

A escola estava dividida, ou seja, havia uma escola masculina e outra feminina.

-Como eram os professores? Como castigavam?

os professores batiam, havia um colega que a professora chegou a agarrar no pescoço e batia com cabeça dos alunos na carteira onde eles estavam e na de trás, outros castigos era não ter intervalos.

-O que era preciso para passar de ano?

Ter boas notas, os rapazes seguiam os estudos, as raparigas não; no meu caso, a minha professora chegou a dizer ao meu pai para eu continuar com os estudos, mas ele disse que não e que tinha muito chão para varrer em casa. Quando eu soube, chorei.

-A Mocidade portuguesa como era?

Usava uns calções bege, camisa branca, sapatos castanhos e meias até ao joelho.

-Tinham férias? Onde iam de férias?

Sim. Nas férias da escola tinha que trabalhar a varrer a casa e a limpar os móveis

-Tinham muitos fins de semana?

Tinha, mas também brincava; o que costumava fazer era brincar e trabalhar.

-Quais eram os divertimentos?

Jogava-se às escondidas, ao lenço, ao jogo do pau, jogo da roda, cantavam uma canção e andavam à roda.

-Como iam para o emprego?

A pé, mas a loja era por baixo da minha casa e às vezes íamos para o campo a pé; quando víamos um senhor pedíamos boleia na carroça dele.

-Como eram os transportes?

O padeiro e o padre tinham carro. Depois mais tarde o meu pai e o avô tiveram carros, mas antes deles tinham uma charrete: íamos para a feira de mortágua.

Com que idade começar a trabalhar?

Depois da quarta classe, mas nas terras e em casa fazia tarefas.

-Alguém emigrou para onde e porquê?

Sim, emigraram para França, Suíça Luxemburgo, Brasil, Argentina e para os Estados Unidos para ter melhores condições de vida.

-Alguém foi à guerra?

Sim, o meu irmão Célio foi para Moçambique

-Como sabia o que se passava no país e no mundo?

Sabíamos das coisas do país e do mundo pelo jornal "O Século". Havia três televisões na aldeia, então juntávamo-nos todos em casa uns dos outros.

-Notavam que havia censura?

Sim, mais tarde o meu pai comprou uma televisão. Alguém disse à Pide e foram tirar a televisão porque havia muitas mulheres em casa.

Punha-se um copo de água em cima da rádio para a Pide não ouvir que estávamos a ouvir rádio e assim ninguém tirava o raio, ouvia-se a BBC de Londres.

-Como foi viver o 25 de abril 1974?

Viver com muita Esperança, muita alegria para acabar com o regime.

-Como se sentiu no dia 25 de abril?

Foi um senhor à loja onde trabalhava e disse que em Lisboa estava a acontecer o 25 de abril. Esse senhor ouviu na rádio e passou a notícia de uns para outros.

-O que mudou no 25 de abril?

Trouxe mais igualdade, as pessoas sentiram-se mais à vontade para dizerem o que pensavam e houve mais dinheiro.

4- David Silva, 9.ºano

Vou contar a história de vida do meu avô, contada por ele.

O meu avô nasceu numa aldeia em Trás-os-Montes e ficou lá a viver em criança, sempre a ajudar o seu pai que era agricultor, só que não fazia muito dinheiro.

Um dia, os meus bisavós, junto com o meu avô, decidiram emigrara para Angola, em busca de melhores condições de vida (o meu avô tinha 11 anos). Quando chegaram, começaram logo a trabalhar durante vários anos e, passados alguns anos, o meu avô criou a sua primeira loja. Dessas lojas surgiram mais 12, e foi assim que o meu avô enriqueceu muito e trabalhando muito.

Depois de vários anos teve o meu pai e o meu tio, mas quando tudo estava bem ocorreu o 25 de abril, que por para muitos foi bom, mas para ele não: nessa altura o meu pai e o meu tio estavam com a minha avó na aldeia que eu falei. No momento do 25 de abril o meu avô e alguns familiares tiveram de fugir para a África do Sul, pois os Angolanos estavam a matar toda a gente que fosse branca. Nesses ataques morreu uma tia nossa, e passado alguns meses sem notícias do meu avô ele chegou a Portugal sem nada (!), pois teve de largar tudo e ele não tinha dinheiro europeu, só tinha dinheiro angolano, ou seja, ele

ficou sem nada, até forrou a sua casa na aldeia com o dinheiro de Angola.

Como não conseguia arranjar trabalho foi para Lisboa, onde foi muito difícil arranjar qualquer trabalho, pois ele era considerado Angolano, já que viveu lá mais de 30 anos.

Então, depois de muito esforço ele, a minha avó, o meu pai e o meu tio, que eram os dois bebés, ficaram a viver no restaurante. Tinham de trabalhar das 6h00 da manhã às 2h00 da manhã. Foi isso que eles fizeram durante alguns anos, até ao dia em que a minha avó não aguentou mais, e disse ao meu avô que ia embora com os seus filhos, que naquela altura tinham seis a sete anos. Ela foi-se embora e começou a vender roupa de senhora na praça, e depois de um mês o meu avô apercebeu-se que também não aguentava mais trabalhar ali e foi trabalhar com a minha avó, só que ele não podia vender roupa de senhora. Ambos passaram a vender sapatos e fizeram muito sucesso: havia dias em que faturavam o equivalente a 500 euros, mas outros em que não faturavam 50, e depois de muito trabalho, com todos os fins de semana, com o meu pai e o meu tio a ajudar, e os dias da semana a trabalhar só eles os dois, eles conseguiram comprara uma vivenda cá em Benfica, onde agora vive o meu avô, já que a minha avó morreu, e ele continua a trabalhar em várias praças a vender sapatos só por diversão, pois no fim de tudo o que ele gosta mesmo é o comércio.

E é por isto que sempre que eu falo do 25 de abril, ele fala sempre mal, já que ele sempre adorou Angola e teve de se ir embora de lá por causa do 25 de abril.

5- Miguel Horta, 9.ºano

Entrevista a um Ex-Combatente (O meu Avô)

EU: Como eram as vossas condições na guerra?

AVÔ: Os soldados construíam casernas (aquartelamento militar) próprias improvisadas, por isso havia algumas casas melhores que outras, mas não se passava assim tão mal: havia alguns soldados com melhores condições que outros, eu era condutor

por isso dormia sempre na minha caserna. Alguns colegas dormiam na mata, a ver se não apareciam os chamados terroristas (soldados dos governos locais).

EU: Como eram as condições dos povos africanos?

AVÔ: Eles viviam muito precariamente em casotas de barro, com tetos de palha, numas pequenas aldeias chamadas sanzalas; eu fui muitas vezes com um grupo, que incluía um enfermeiro, para assistir pessoas com mais necessidade, quer seja com medicamentos ou tratamentos a ferimentos.

EU: Quais foram alguns bons e maus momentos na guerra?

AVÔ: Tive alguns momentos bons com os meus colegas: jogávamos à bola, jogávamos às cartas, fazia-se churrascos, fazia-se festas nos aniversários dos outros colegas e outras coisas que mostravam espírito de camaradagem. Porém, 15 dias antes de voltar a Portugal caímos numa emboscada: eu ia no primeiro carro, dos 3 da coluna (de carros), íamos levar o médico a um grupo que estava a abrir estradas e, depois do médico ver os doentes, de regresso, o capitão daquele grupo quis voltar connosco. Pediu ao médico para ir no carro dele, para não apanhar pó, no começo da coluna (de carros). Estando os 3 carros em movimento, o médico pediu passagem, e não esperou por nós como devia, então tive de parar, já que não via a estrada, pois passou muito depressa. Quando chegou ao topo de um vale, sozinho, os terroristas metralharam-no, e mandaram uma bazuca para o carro, que ficou completamente desfeito, a arder, os corpos ficaram carbonizados, nós estávamos escondidos na margem direita do vale. Eles tentaram atingir os carros, mas falharam o alvo, pois atingiram a orla errada. Ficámos parados pois a mata era densa, não viam ninguém, e só foram até aos corpos uma hora depois quando chegou ajuda e os terroristas se foram embora.

Este foi o único momento digamos “pior” que eu tive.

EU: O que é que sentiste quando soubeste que ias para a guerra?

AVÔ: Senti um grande vazio de tristeza, ao despedir-me da minha família. Depois, com o passar do tempo, habituei-me à ideia, pois achava que ia fazer uma descoberta constante, ao passar por vários lugares novos e conhecer novos amigos, que ainda hoje se encontram num almoço anual com alguns amigos da guerra, com o propósito de relembrar alguns momentos antigos e conviver uns com os outros, e brincar: é que uns estão mais barrigudos que os outros!

EU: Tiveste algum receio de morrer no tempo em que estavas na guerra?

AVÔ: Na realidade não tive medo até aos 15 últimos dias, que foi depois de ter caído na emboscada, pois nunca vi nenhum colega meu cair numa mina, e nunca tinha ouvido um tiro até à emboscada, mesmo estando a substituir um colega que teve a perna muito ferida devido a uma mina. Não tive medo, nos primeiros 3 meses, que estive numa zona com mais minas (no leste de Angola), nunca saí muito do Quartel, por isso nunca corri muito o risco de pisar numa mina.

EU: Como é que foi a tua reacção e a da tua família ao reencontrarem-se depois de 2 anos ?

AVÔ: Ainda me lembro que vim num Boeing 737; e estavam lá os meus pais e os meus irmãos à minha espera. Foi uma grande felicidade e uma grande festa, mas o resto do dia fiquei a descansar em casa, coisa que não podia fazer há muito tempo.

6- Mariana e Leonor Baixinho, 9.º ano

ESCOLA

Antigamente a minha avó ia para a escola, mas uma vez foi primeiro a casa da avó dela; a sua avó e ela ficaram a conversar e não repararam que já estavam atrasadas para a escola. Ela, mesmo atrasada, foi andando.



Quando lá chegou , o seu professor perguntou-lhe onde tinha estado, e a minha avó explicou que tinha estado com a avó e não reparou nas horas. O professor achou que a minha avó estava a arranjar uma desculpa. Castigou-a com uma reguada que tinha uns bicos pequenos na ponta, batendo na mão.

CASA

A minha avó tinha cinco irmãos e, depois da escola, tinham de ir ajudar o seu pai nas hortas.

.....

A minha avó era muito nova para trabalhar nos trabalhos mais duros, por isso estava a tratar das cabras. Um dia, o seu pai queria que fosse ela sozinha a ir buscar as cabras mas a minha avó nunca tinha ido sozinha, só com alguém a acompanhá-la. Começou a chamá-la. A minha avó não respondia pois se ela dissesse que sim tinha de ir sozinha e ela tinha medo de não as conseguir trazer. Se ela dissesse que não, o seu pai iria obriga-la na mesma. Como a minha avó pensava que não ia conseguir, não respondeu. Ela não respondia e, por várias vezes, o pai chamou-a, até que chegou ao pé dela, deu-lhe uma palmada na cabeça. A minha avó não disse mais nenhuma palavra e foi buscar as cabras. A minha avó conta sempre esta história pois foi a primeira vez de muitas que ela foi buscar as suas cabras. No final conseguiu e ficou muito contente.

7- Gabriel Nascimento 9.ºano

Entrevistado: Eugénia Nascimento

Data de nascimento: 01/01/1949

A alimentação base era peixe e carne, as compras eram feitas nas mercearias e praças. A roupa comprava-se nas lojas de roupa, a vida era difícil, custava mais a comprar as coisas. Quando se ficava doente ia-se ao posto médico ou ao hospital. As vacinas eram frequentes e eram dadas no posto médico. A hepatite e a cirrose eram as doenças mais normais na altura. A escola era boa, os professores eram bons e simpáticos mas castigavam com reguadas. Íamos de férias para a Lagoa da Albufeira.

Nos fins de semana costumava jogar à bola, brincar e depois fazia os trabalhos da escola. Os divertimentos eram ir para casa da avó e ir à praia. Não tinha emprego, não tinha subsídios. Quando estava doente tinha assistência. Comecei a trabalhar aos 13 anos. O avó emigrou para a Angola em busca de melhores condições de vida. O avó foi à guerra, sabíamos o que se passava no país e no mundo pela televisão e pelos jornais. Não se notava que havia censura. Foi bom viver o 25 de Abril, claro que houve altos e baixos, mas foi bom. O que mudou com o 25 de Abril de 1974 é que tinha mais vontade de falar pois não havia problema em falar de qualquer assunto, podendo ser castigada.

8- Matilde Antunes, 9.ºano

Olá, eu sou a Matilde e vim aqui entrevistar o meu pai, Mário Antunes, em relação a como era a vida no tempo dele.

Por questões de espaço foram omitidas as perguntas, uma vez que todas elas estão no início do suplemento.

ALIMENTAÇÃO

A base da alimentação era idêntica à de hoje, embora os produtos se cingissem aos da estação do ano, comia-se mais peixe e menos carne, o bacalhau e a sardinha eram a comida dos pobres e o frango a comida dos ricos.

COMPRAS

As compras dos alimentos dependiam do local onde eram feitas: nas zonas rurais eram realizadas em mercearias, talhos ou nos mercados e feiras. Existia um serviço de venda de peixe fresco móvel (SAPP); nas cidades as compras eram feitas em mercearias, talhos, supermercados e mercados municipais, o peixe era vendido nas ruas pelas peixeiras e pelo SAPP; embora já houvesse supermercados grandes, ainda não existiam os hipermercados. Recordo campanhas a incentivar o consumo de peixe congelado (que era entendido pela população como prejudicial à saúde), ovos (publicidade no rádio “um ovo por dia, nem faz ideia do bem que lhe fazia”) e

às águas (“a saúde está primeiro, beba água do Vimeiro”).

PREÇOS

Como era a minha mãe quem fazia as compras, os preços que me recordo são: um bolo na cantina da escola custava 1\$00, as bolas de Berlim eram a 0\$80, numa pastaria custavam entre 1\$50 e 2\$50. O almoço também na cantina custava 4\$00, num restaurante de bairro entre 6\$50 e 8\$00. Recordo que a gasolina custava à volta de 6\$00.

Contudo a relação entre preços é difícil de comparar, pois alguns artigos que na altura eram caros e de difícil acesso hoje em dia são banais, e vice-versa.

MODA

Na cidade de Lisboa, havia muitas lojas de roupa, quer de bairro, quer armazéns na “Baixa”. Também se recorria a alfaiates e costureiras, embora só para vestuário mais formal.

A durabilidade de um casaco ou par de sapatos dependia e ainda hoje depende da qualidade: um par de sapatos custaria 60\$00 e desde que o pé não crescesse, e não se jogasse “à bola” duravam 2 ou 3 anos, os casacos tinham uma duração idêntica, quando começavam a ficar coçados, colocavam-se umas cotoveleiras, nas calças joalheiras.

Quem ditava a moda, sinceramente não me recordo. Lembro-me de ter calças “à boca de sino” e de começar a usar calças de ganga à “americana” como se dizia na altura

NAMOROS

Em relação ao namoro também se notava uma grande diferença de acordo com a área geográfica. Nas cidades os jovens namoravam, mas tinham de manter em público alguma distância física, não era permitido andar aos beijos na rua. Recordo que existia junto às escolas femininas uma área onde as alunas não podiam estar acompanhadas por rapazes, sob pena de serem posteriormente chamadas à

atenção na escola. Fora da zona urbana, um beijo poderia acabar em casamento. As pessoas casavam-se relativamente cedo.

Salvo exceções, os rapazes eram educados para “sustentar” a casa e as raparigas para serem “donas de casa”.

SAÚDE

Quando se ficava doente, ou o médico ia casa ou ia-se à “caixa” que era o centro de saúde da zona, que atendia os trabalhadores e familiares que descontavam para o então sistema de segurança social. Em situações de urgência graves recorria-se ao hospital. Recordo ter partido a cabeça duas vezes e ter sido “cosido” na enfermaria da Legião Portuguesa, que ficava perto de casa e disponibilizava serviços de enfermagem.

VACINAS

As vacinas eram dadas no posto da “caixa” e havia várias que eram obrigatórias, (Tétano, BCG, Variola, etc.). O Registo era feito no Boletim Individual de Saúde e era feito o Controlo no ato de matrícula nas escolas.

O número de doenças deveria ser idêntico ao de hoje, apareceram novas e outras foram erradicadas. Verificavam-se mais óbitos na época, a melhoria das condições de trabalho, de qualidade de vida e os avanços da medicina têm permitido aumentar a esperança de vida das populações, a nível global.

ESCOLA

O ensino era obrigatório: 4ª classe (atual 4º ano) para os rapazes e 3ª classe para as raparigas. Depois de concluído o ensino primário (1º ciclo), quem seguia ia para o Ciclo Preparatório (2º Ciclo), prosseguindo depois para o Ensino Liceal, para o Ensino Comercial ou para o Ensino Industrial.

Salvo exceções não era misto (em 1971 ou 1972 fui para o Liceu Camões no primeiro ano em que foi misto-rapazes de manhã, raparigas à tarde).

Os professores eram respeitados, uns pelo Carisma, outros pelo Autoritarismo.

As regras estavam bem definidas, bem como os objectivos a atingir. Os castigos aplicados dependiam da gravidade do ato a punir e se se tratava de situações de comportamento ou de aprendizagem. Alguns professores advertiam, outros davam dose extra de T.P.C., outro batiam (embora fosse proibido). A marcação de falta de comportamento era “a vermelho” (FC) só a partir do Ciclo Preparatório. Recordo colegas que preferiam castigos mais pesados que a gravidade do ato, para não terem FC pois quando comunicada aos E.E., o castigo familiar era mais doloroso. Observei muitas injustiças e situações dos meus colegas ficarem com nódoas negras das tarefas que recebiam em casa.

O mínimo para passar de ano (1972/73) no 4º ano do Liceu (actual 8º ano de escolaridade) era ter nota 10 (numa escala de 0 a 20) a **todas a s disciplinas, exceto uma**. No ano lectivo 1973/74 a passagem foi administrativa. Contudo realizavam-se sempre exames no final dos ciclos. Na 4ª Classe era obrigatória a prova escrita e oral para quem queria prosseguir e, no final do Ciclo Preparatório e do 5º ano do Liceu (actual 9º ano) podendo dispensar do exame quem tivesse média superior a 14 valores, na frequência e dispensa da prova oral às disciplinas com nota superior a 12 valores na prova escrita.

Nas famílias com alguns recursos financeiros, havia a possibilidade de prosseguir estudos para o Ensino Liceal, pois além das propinas existia toda a despesa de livros e material escolar, podendo no final do 7º ano do Liceu (+_ 11º ano) fazer exames de admissão à Universidade, outros optavam pelo Ensino Comercial ou Industrial, podendo depois ainda fazer a admissão aos Institutos Industriais e Comerciais no final do chamado Curso Geral (9º ano).

A maior parte da população abandonava a escola no final do Ensino Primário (4º ano) e do Ciclo Preparatório (6º ano)

O contacto que tive com a MOCIDADE PORTUGUESA, foi na Escola Primária pois a Educação Musical e o Canto Coral estavam nos objectivos(só me lembro de aprender o Hino Nacional). No Ciclo Preparatório, as atividades, além de físicas (a Educação Física desenvolvia actividades de Ginástica coletiva que culminavam numa apresentação pública das escolas no Estádio Nacional no dia 10 de Junho. Além disso eram dados conceitos de higiene , alimentação e regras de comportamento individual e colectivo.

No Liceu existiam várias atividades extracurriculares que dispensavam a frequência das da Mocidade Portuguesa. No Liceu onde estava, além dos desportos com bola, também havia o “Clube de Rádio” e o “Grupo de Espelologia”.

(continua na edição de setembro , ver na página da EBQM em Projetos, Notícias da Quinta)

Em setembro terminamos estas publicações das entrevistas que já saíram nos suplementos 6 (junho), 7 (julho) e 8 (agosto). Só temos a agradecer este valioso testemunho da Comunidade que veio enriquecer o nosso folheto literário. À Professora Ana Paula Ramalho Oliveira, parabéns pela viagem a 1974.